

ESCRITA NA PAISAGEM

festival de performance e artes da terra 08

www.escritanapaisagem.net



Escola de Verão

Guillermo Gómez-Peña & La Pocha Nostra



Escrita na Paisagem abre este ano um novo formato: a realização em Agosto, de uma Escola de Verão, em cada ano com um criador de referência no panorama internacional. A abertura do formato cabe a Guillermo Gómez-Peña. A trans-culturalidade, a trans-geracionalidade e a transdisciplinaridade são os conceitos que servirão de tema para um trabalho intensivo, que culminará numa apresentação final.

1. Corpo ilícito

Casa da América Latina, Lisboa
30 de Julho * 21h30

2. Escola de Verão

Guillermo Gómez-Peña / La Pocha Nostra [MEX / USA]
Convento do Carmo, Évora
1 a 11 de Agosto

3. Guillermo Gómez-Peña: a arte de diluir fronteiras

Paulo Raposo e Ana Pais

Corpo ilícito

Guillermo Gómez-Peña [MEX/USA]

Performance

Casa da América Latina, Lisboa

30 de Julho * 21h30

Duração: 1h

Bilheteira: livre mediante pré-reserva

Classificação: M/16

Um projecto concebido e executado por La Pocha Nostra / Guillermo Gómez-Peña e Roberto Sifuentes.

Na sequência da apresentação, em 2007, de *Mapa Corpo*, Guillermo Gómez-Peña regressa ao Escrita na Paisagem para, com Roberto Sifuentes, apresentarem no espaço da Casa da América Latina um ritual interactivo pondo-nos frente a frente com o corpo ilícito de Roberto Sifuentes. Hierático e xamanístico, Gómez-Peña empenha-se em convocar a acção dos espectadores, recorrendo à palavra.

Guillermo Gómez-Peña é um dos mais iconoclastas, perturbadores e excitantes artistas da actualidade nos Estados Unidos da América. Performer, videasta, escritor, teorizador da cultura, cyber-punk chicano, activista em full time, este polifacetado mexicano americano é autor de uma extensa galeria de projectos artísticos centrados na questão das identidades, com o político sempre à vista. Artista de cruzamento de fronteiras, como resulta da sua própria condição biográfica (nascido na Cidade do México, veio para os EUA em 1978, onde vive desde então), as suas inquietações levam-no a interrogar as representações do mexicano na cultura americana e a evidenciar os conflitos e a permanência de discursos pós-coloniais nas relações entre culturas.

Artista interdisciplinar, a sua criação no seio de La Pocha Nostra, colectivo de criação baseada na colaboração e numa estética “etno-tecno-canibal” que sampla e se alimenta de tudo o que a rodeia, percorre os caminhos das identidades nacionais, de género ou raça, numa pedagogia da cidadania que não evita questões como a censura, a intolerância e o nacionalismo securitário e paranóide do mundo pós-11 de Setembro. No seu percurso, são constantes e surpreendentes as representações de inversões do poder, ou as controversas reelaborações da imagética religiosa. Actualmente, as suas práticas conduzem o espectador ao centro do espectáculo, convidando-o a co-criar “jogos performativos extremos”, impregnados de implicações pós-coloniais.





Escola de Verão

Guillermo Gómez-Peña /
La Pocha Nostra [MEX / USA]
Formação

Convento do Carmo, Évora
1 a 11 de Agosto

Apresentação Final
Convento do Carmo, Évora
12 de Agosto

Direcção Guillermo Gomez-Peña / La Pocha Nostra

Escrita na Paisagem abre este ano um novo formato: a realização em Agosto, de uma Escola de Verão, em cada ano com um criador de referência no panorama internacional. A abertura do formato cabe a Guillermo Gómez-Peña. A trans-culturalidade, a trans-geracionalidade e a transdisciplinaridade são os conceitos que servirão de tema para um trabalho intensivo, que culminará numa apresentação final.

Guillermo Gomez-Peña é um dos artistas performativos internacionais mais controversos e inovadores da actualidade, desenvolvendo o seu trabalho em torno da identidade cultural.

Em 1993, Gomez-Peña criou uma associação artística com outros artistas latino-americanos sediados nos EUA, La Pocha Nostra. Para além das suas criações regulares, organiza há já vários anos a International Performance Intensive Workshop, que decorre durante o Verão e à qual acorrem artistas vindos de todas as partes do mundo. Este workshop, que decorre normalmente no México, constitui um ponto de referência no panorama artístico contemporâneo, quer pela sua metodologia quer pela sua linguagem fortemente iconoclasta.

O desafio que o Festival fez a La Pocha Nostra foi o de trazer este ano para a Europa a International Performance Intensive Workshop dirigida por Gomez-Peña, transformando o Alentejo no centro internacional da performance. No fim do período de formação desta Escola de Verão será feita uma apresentação final conjunta dos trabalhos da Escola e da La Pocha Nostra.

A coordenação das metodologias performativas de um workshop faz, frequentemente, parte do processo de criação de um projecto da La Pocha Nostra.

Guillermo Gomez-Peña e La Pocha Nostra

Dado o carácter transdisciplinar, multi-racial e multi-geracional dos nossos workshops, estes envolvem desde estudantes de diferentes áreas de formação a performers locais, actores, bailarinos e poetas. Durante 10 dias, num regime de trabalho de 5 a 8 horas por dia, damos a conhecer aos participantes as nossas técnicas de trabalho, sendo aqueles desafiados a desenvolver “seres híbridos”, imagens e estruturas rituais com base nas suas próprias identidades complexas, estéticas pessoais e convicções políticas. A apresentação de um evento performativo no final do processo de trabalho, transforma o workshop num processo de ensaios que por sua vez dá lugar a um espectáculo, no qual os elementos da Pocha Nostra se juntam, enquanto performers, aos participantes.

Guillermo Gómez-Peña: a arte de diluir fronteiras

Mexicano residente na Califórnia (EUA) desde 1978, Guillermo Gómez-Peña (GGP) é um dos mais célebres nomes da *performance art*, mundialmente reconhecido sobretudo a partir da década de 90. Num dos seus diários de performance (1995), GGP definiu como objectivo cívico dos projectos artísticos da sua estrutura La Pocha Nostra a criação de “comunidades efémeras de artistas, técnicos e activistas”. No essencial, este conceito de comunidade evidencia o aspecto colaborativo e transitório dos seus trabalhos, que conta com um núcleo duro relativamente flutuante (Roberto Sifuentes, Sara Shelton-Mann, Coco Fusco, entre outros). Primando pela transdisciplinariedade, as colaborações envolvem inevitavelmente conversas, negociações, consensos. Neste sentido, a comunidade efémera de cada projecto traduz uma clara atitude perante a arte – para GGP, a arte é uma forma de intervir no mundo, de testar possibilidades de tolerância e encontro num microcosmos, acreditando que o encontro se pode estender ao macrocosmos social e político. Note-se, por exemplo, o impacto que a sua obra tem tido na vida académica, tendo participado em conferências, publicado livros e constando, invariavelmente, em bibliografias de workshops sobre performance e rituais. Mas claramente, esta intervenção é de natureza política e ideológica definindo a sua intervenção artística como um modelo de democracia radical.

Este modelo de intervenção é também o de induzir uma certa vertigem cultural ou, mais precisamente, intercultural. Lidando com uma identidade cultural prolixamente simbólica e paradoxalmente ambígua (como afinal são todas as identidades) – neste caso, a *latinidade*, a *chicanidade*, a *americanidade sulista*, entre outras – o fascínio pela performance do *Outro* perante audiências “euro-americanas e brancas” tem sido o mote orientador do trabalho deste grupo. Na tentativa de criar meta-comentários irónicos sobre o *Occidente*, e em particular os EUA, em clara articulação satírica em torno dos fantasmas e mitos que sobre os mexicanos se vão criando (fora e dentro do México), GGP e La Pocha Nostra acabam por contribuir para a desconstrução da identidade do *Outro* do mesmo modo que, noutras latitudes, Edward Said fez com o *orientalismo*. Emblemático a este nível foi a célebre performance «Two Undiscovered Amerindians» realizada por Gomez-Peña e Coco Fusco, na Plaza Colón em Madrid em 1992, numa alusão crítica às comemorações da Descoberta da América.

Mas o circuito não se fecha apenas neste diálogo intercultural de sublinhado político-ideológico, GGP propõe ainda uma espécie de provocação migratória permanente – talvez em função da sua própria condição de (artista) migrante. Este traço reforça a ideia de construção híbrida das comunidades migrantes, mas também das identidades que se deixam para trás nos lugares de origem. O seu projecto artístico é decalcado da *border zone*, eminentemente pós-colonial, que é a relação entre México e EUA. E esse lugar é o *locus* da actividade performativa de GGP: a “Guillermolandia” como sugeria Lisa Wolford, uma colaboradora e investigadora da sua obra, é um território que privilegia o hibridismo e que questiona os limites da identidade e da comunidade, enquanto pilares da constituição do *Eu* e do *Outro*.

A comunidade transporta ainda uma noção de pertença e exclusão, associada aos conceitos de fronteira e identidade, fulcrais no actual mundo globalizado e pós-colonial. Por isso, muitos artistas con-

temporâneos nos habituaram a obras que interrogam, justamente, estes conceitos. GGP é um deles. Todo o seu trabalho articula-se em função da decomposição e reorganização da ideia de fronteira identitária e artística, resultando numa linguagem estética caracterizada por jogos irónicos, contextos ritualistas e produtora de hibridismos a vários níveis: misturando elementos iconográficos da cultura mexicana com a americana (personas *ethno-cyborgs*), de religiões e folclore, de géneros e sexos, criando um dialecto ou uma síntese intercultural improvável, ao fundir palavras espanholas com inglesas (o *spanglish*).

Não só ao nível dos conteúdos e das imagens, mas também do ponto de vista formal, a figura de fronteira sobressai. Ela emblematiza e é palavra-chave no trabalho de GGP, particularmente, no tocante à incorporação de novas tecnologias, utilizadas sempre criticamente nas suas performances, em tensão com a situação cerimonial em que elas têm lugar – no que classifica como uma espécie de *ethno-techno art*. Nelas, finalmente, é crucial a relação entre cena e público: a tradicional fronteira entre ambos dilui-se em formas de participação e colocação no espaço, reunindo espectadores e artistas numa comunidade, também ela efémera.

Paulo Raposo e Ana Pais

Paulo Raposo

Doutorado em Antropologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). É docente no Departamento de Antropologia do ISCTE desde 1990. Actualmente é Professor Auxiliar do ISCTE e Professor convidado da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. É Presidente da Direcção do Centro de Estudos de Antropologia Social (CEAS/ISCTE), membro da Comissão Editorial da revista *Etnográfica* e colaborador do Jornal *A Página*. Teve também formação de actor e actuou como actor profissional, assistente de encenação, músico e produtor musical durante alguns anos em diversos grupos teatrais de Lisboa. Realizou várias investigações de terreno em Portugal trabalhando sobre temáticas como o corpo, ritual, educação e mais recentemente na área das performances culturais. Publicou a sua pesquisa em várias revistas da especialidade e em diversos livros, nacionais e estrangeiros. Actualmente os interesses de pesquisa situam-se no campo da performance e ritual e da antropologia do turismo. Coordena e orienta também pesquisas no domínio das migrações em Portugal.

Ana Pais

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, obteve o grau de Mestre em Estudos de Teatro, em 2002, atribuído pela mesma Universidade. A sua tese veio a lume pelas Edições Colíbi sob o título *O Discurso da Cumplicidade. Dramaturgias Contemporâneas* (2004), com prefácio de André Lepecki. Como crítica de teatro, tem colaborado com vários jornais, designadamente, com o *Público* (2002) e com o semanário *Expresso* (2003) e, presentemente, escreve para o *Sol*. Foi membro do júri do Prémio da Crítica, iniciativa da Associação de Críticos de Teatro, nas edições de 2003, 2006 e 2007. Colabora ainda com a revista do Centro de Estudos de Teatro, a *Sinais de Cena*. Actualmente, lecciona na Escola Superior de Teatro e Cinema.







